



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO PROFESSOR DOUTOR
SÉRGIO JACINTHO LEONOR
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

LUCIANO OLIVEIRA CASTRO

**A ATUAÇÃO E PERSPECTIVAS DE PROFESSORES
HOMENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

**ARRAIAS/TO
2019**

LUCIANO OLIVEIRA CASTRO

**A ATUAÇÃO E PERSPECTIVAS DE PROFESSORES
HOMENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Monografia foi avaliada e apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Arraias, Curso de Pedagogia para obtenção do título de pedagogo e aprovada em sua forma final pela Orientadora e pela Banca Examinadora.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Jorgeanny Fatima Rodrigues Moreira, UFT.

**ARRAIAS/TO
2019**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- C355a Castro, Luciano Oliveira Castro.
A ATUAÇÃO E PERSPECTIVAS DE PROFESSORES HOMENS NA
EDUCAÇÃO INFANTIL. / Luciano Oliveira Castro Castro. – Arraias, TO,
2019.
36f.
Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
Universitário de Arraias - Curso de Pedagogia, 2019.
Orientadora : Prof.^a Dr.^a Jorgeanny Fatima Rodrigues Moreira
1. Gênero. 2. Professor homem. 3. Educação infantil. 4. Atuação e
perspectivas. I. Título

CDD 370

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

FOLHA DE APROVAÇÃO

LUCIANO OLIVEIRA CASTRO

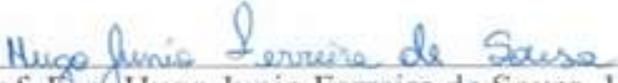
A ATUAÇÃO E PERSPECTIVAS DE PROFESSORES HOMENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Monografia foi avaliada e apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Arraias, Curso de Pedagogia para obtenção do título de pedagogo á Luciano Oliveira Castro e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 03/12/2019.

Banca Examinadora


Prof. Dr. Jorgeanny Fatima Rodrigues Moreira, UFT.
Orientador(a)


Prof. Esp. Hugo Junio Ferreira de Sousa, UFT.
Professor (a) Avaliador 1


Prof. Esp. Gleicivan Moreira de Oliveira, UFT.
Professor (a) Avaliador 2

**ARRAIA/TO
2019**

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por me dar forças e perseverança para não desistir de atingir os meus objetivos, mesmo nos momentos mais difíceis, conseguindo com muita fé e dedicação realizar, até aqui, os meus sonhos.

A minha família, e em especial a minha irmã e a minha cunhada, Luana Thalia & Lorrany, pelo apoio e estímulo em todos os momentos da minha vida acadêmica, as quais serviram para fortificar a minha determinação.

As minhas amigas e amigos que estiveram em todos os momentos ao meu lado ajudando e apoiando com o amor e carinho, aos quais levarei para a vida.

A minha orientadora, a Professora Jorgeanny, pela atenção e colaboração para a realização do presente trabalho.

Agradeço, também, a todos que contribuíram de alguma forma para a realização deste estudo.

Dedico aos meus pais Aucilier Alves de Oliveira e Francisco Castro. Por terem me dado a vida, me conduzindo a ser a pessoa que sou hoje, agradecendo o amor e o carinho que tem me dado ao longo da minha história.

RESUMO

O estudo aqui apresentado traz uma reflexão sobre a atuação de profissionais do gênero masculino como professores na educação infantil, assim como uma contextualização histórica do papel de mulheres e homens definidos socialmente. O objetivo da pesquisa é compreender por que ainda nos dias de hoje a atuação docente voltada para os anos iniciais é constituída majoritariamente por mulheres, mesmo não tendo nenhuma obrigatoriedade, nos documentos oficiais, que as coloquem como mais aptas a exercerem essa função. É feito um apanhado histórico do surgimento de creches e pré-escolas no Brasil, descrevendo com quais finalidades esse nível de ensino surge e para quem ele era voltado a princípio. O trabalho traz algumas ponderações a respeito da divisão do trabalho por gênero, em específico na atuação docente, em que a sociedade tende a ver com naturalidade a atuação feminina e com desconfiança e preconceito a de homens. A pesquisa realizada procurou por meio da aplicação de questionários e entrevistas junto aos acadêmicos do curso de pedagogia da UFT/Arraias, conhecer o perfil desses estudantes, os motivos pela escolha do curso, suas trajetórias de formação e perspectivas para a atuação futura enquanto pedagogos. A metodologia utilizada tem o intuito de ir a fundo nas subjetividades dos sujeitos da pesquisa, se atentando aos conhecimentos e seus comportamentos perante aspectos socialmente estabelecidos. O estudo em si, visa desmistificar o senso comum de que o ambiente de educação infantil deve ser restrito as mulheres enquanto educadores; a desconsolidação de padrões de gênero, que define funções tendo o sexo dos indivíduos como premissa e a possibilidade de uma maior inserção de profissionais homens nesse seguimento da educação, por não se achar nenhuma evidencia que os coloquem como menos capazes de cuidar e educar.

Palavras chaves: gênero, professor homem, educação infantil, atuação e perspectivas.

ABSTRACT

The study presented here brings a reflection on the performance of male professionals as teachers in early childhood education, as well as a historical contextualization of the role of women and men defined socially. The aim of the research is to understand why, even today, the teaching performance focused on the initial years and constituted mainly by women, even though they have no obligation, in official documents, to place them as more able to perform this function. A historical record of the emergence of daycare centers and preschools in Brazil is made, describing for what purposes this level of education arises and to whom it was aimed at first. The work brings some weightings regarding the division of work by gender, specifically in teaching practice, in which society tends to naturally see female performance and with distrust and prejudice to that of men. The research conducted sought through the application of questionnaires and interviews with the students of the pedagogy course of UFT / Arraias, to know the profile of these students, the reasons for choosing the course, their training trajectories and perspectives for future performance as pedagogues. The methodology used aims to go deep in the subjectivities of the research subjects, paying attention to the knowledge and their behaviors in view of socially established aspects. The study itself aims to demystify the common sense that the environment of early childhood education should be restricted to women as educators; the deconsolidation of gender patterns, which defines functions having the sex of individuals as premise and the possibility of a greater insertion of professional men in this follow-up of education, because it is not found any evidence that put them as less capable of caring and educating.

Keywords: gender, teacher man, early childhood education, acting and perspectives.

SUMARIO

1. INTRODUÇÃO	09
2. OS PRINCÍPIOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL	12
2.1 Habilitação para atuar na Educação Infantil.....	14
3. O PROFESSOR DO SEXO MASCULINO NA EDUCAÇÃO INFANTIL	15
3.1 Reflexões sobre a atuação masculina na Educação Infantil.....	17
4. METODOLOGIA	20
4.1 Técnicas utilizadas para a pesquisa.....	21
4.2 Sujeitos da pesquisa.....	21
4.3 Construção das informações.....	22
4.4 Análise das informações.....	22
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO	24
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	35

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca trazer à tona uma reflexão a respeito das relações de gênero, com enfoque na formação e atuação de professores do gênero masculino nos primeiros segmentos da escolarização, o tema aqui escolhido: “atuação masculina na educação infantil”, surge de inquietações que foram sendo reforçadas durante os períodos de estágio do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Tocantins, Câmpus de Arraias, em que foi observada a pouca presença de homens em espaços de educação infantil.

É de conhecimento popular a relutância em inserir profissionais do gênero masculino nos espaços escolares. Por outro lado, o número de homens cursando licenciaturas é cada vez maior, o que indica que talvez não sejam esses profissionais que não queiram atuar nessas áreas, mais especificamente na educação infantil, e sim uma perpetuação de dogmas sociais que definiram papéis de atuação para o feminino e o masculino, caracterizando assim o cuidar e educar de crianças pequenas como uma função restritamente feminina.

O foco da pesquisa visa compreender características históricas e atuais pertencentes ao imaginário social, a respeito da divisão do trabalho por gênero, como também, refletir sobre o perfil do profissional em educação infantil, desmistificando o pensamento que o cuidar e educar de crianças pequenas não pode ser realizado por pessoas do gênero masculino. A pesquisa procurou seguir por questionamentos que surgem quando pensamos em homens cursando graduações voltados para o magistério, em específico o curso de Pedagogia, a exemplo: como se dá a formação desses profissionais? O que os levaram a escolher o curso de Pedagogia? Eles sofrem algum tipo de preconceito por estarem em um espaço ainda dito feminino? E se eles têm a pretensão de atuar em creches e em outros espaços da educação infantil, tendo em vista que o curso de Pedagogia os habilita a isso.

Este trabalho pretende contribuir com ponderações a respeito das relações de gênero; discutir a formação de professores do gênero masculino voltadas para a atuação na educação infantil; auxiliar na inclusão de professores homens desde sua formação, seja em nível superior em Pedagogia seja em nível médio, nos espaços escolares ainda ditos femininos. Para tanto, além de um estudo teórico reflexivo acerca das relações de gênero a partir da perspectiva do trabalho em espaços de educação infantil aplicou-se questionários *on-line* para os alunos, independente do gênero, dos últimos períodos do

curso de Pedagogia da UFT câmpus de Arraias, contendo perguntas objetivas e subjetivas, visando conhecer o pensamento dos alunos do curso a respeito do tema. Abordou-se, assim como suas pretensões de atuação após a conclusão do curso. O corpo docente do curso de Pedagogia da UFT também foi interpelado, por meio de entrevistas semiestruturada, com o intuito de identificar por que ainda nos dias de hoje os espaços da educação infantil são dominados por profissionais do gênero feminino e qual o seu posicionamento sobre a presença masculina ocupando os postos de professores ou até mesmo de auxiliares nas instituições de ensino como um todo.

A pesquisa procurou trazer na primeira seção, uma breve contextualização do surgimento da educação voltada para crianças no Brasil, em que creches e pré-escolas tinham como função, a princípio, oferecer um espaço onde as trabalhadoras pudessem deixar seus filhos pequenos. Segundo Kramer (1987), esse início foi entendido como assistencialista, pois o propósito desses espaços ainda não tinha nenhum embasamento teórico pedagógico, voltado para o educar das crianças atendidas. E feito ainda, um apanhado geral dos primeiros passos para a efetivação da educação infantil como política pública, sinalizando o dever do estado em garantir esse nível de ensino, aparece tanto na Constituição Federal de 1988, como na Lei das Diretrizes Básicas de 1996 que trazem em um de seus artigos, o perfil do professor que deveria atuar nessa primeira etapa da educação básica.

Em um segundo momento, procurou-se atentar-se aos possíveis motivos que levaram os ambientes de ensino a ganhar um perfil feminino, gerando uma desigualdade de gênero nos espaços escolares, nos dirigindo a produções de: Sayão; Finco; Kramer; Cruz e Louro, como aporte teórico desse estudo. Além disso, realiza-se uma reflexão sobre a atuação de homens na educação infantil, expondo dados do censo escolar de 2016, que apontam quão inferiores é o número de professores homens, quando comparado ao de mulheres na educação infantil.

Na metodologia, optou-se por direcionar esse estudo ao modelo de pesquisa qualitativa, por ser a melhor forma para se fazer a avaliação das subjetividades que envolvem as vivências, opiniões e os sentimentos de pessoas, algo que outras metodologias poderiam não considerar. Com a aplicação de questionário e a realização de entrevistas, procurou-se junto ao corpo discente e docente da UFT/Arraias, conhecer o perfil dos futuros educadores, como também, aspectos sociais que direcionam nossa sociedade a um outro padrão, em que homens também serão bem aceitos na educação infantil.

Exposto os dados coletados com a pesquisa, chegou-se às considerações finais que mostra a necessidade de se repensar padrões estabelecidos socialmente, que ainda condicionam a atuação de homens e mulheres a partir da normativa de gênero. Outro ponto elencado é a necessidade de se desmistificar que homens, por não terem a capacidade de gerarem uma criança, são menos aptos a cuidar e/ou educar, por não possuírem o “dom inato” que as mulheres possuem dados a elas por meio da gestação.

A pesquisa finaliza, ressaltando que o caminho para se quebrar barreiras e estigmas, deve-se o de oportunizar em espaços de convivência situações ditas incomuns, isso nos mais variados aspectos das relações humanas. Dessa maneira, a presença masculina em espaços vistos como femininos, assim como o contrário, é um caminho que deve ser incentivado. Pois como destaca Gonçalves (2016), a inserção de professores homens na educação infantil caracteriza-se como um fator importante para romper com velhas construções sociais que reforçam o preconceito e a discriminação, atuando de forma positiva para que pais, escola e sociedade vejam a educação como um espaço de inserção aberto a todos.

2. OS PRINCÍPIOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL

De acordo com Kramer (1987), durante a revolução industrial surgiram às primeiras creches no Brasil, isso porque houve a necessidade de se criar alternativas para as operárias que não tinham com quem deixar seus filhos pequenos durante a jornada de trabalho. Na maioria das vezes esses espaços tinham condições precárias de total improviso, não existindo nenhum foco ou embasamento pedagógico, caracterizando-os como assistencialistas focados apenas na higiene e no amparo. Tornando assim, esses ambientes um espaço de atuação feminina, por socialmente acreditar-se que só as mulheres teriam essa capacidade materna inata de cuidar, enquanto os homens teriam outras responsabilidades ditas mais condizentes com seu gênero.

Nesse primeiro momento, o intuito com a criação das creches era o de enfraquecer os protestos e reivindicações, por parte das operárias e domésticas, por melhorias nas condições de trabalho e por espaços destinados a seus filhos durante suas jornadas de trabalho. Mas o que se percebeu, foi que com a satisfação das operárias em ter um espaço destinado para seus filhos, sua produtividade aumentava elevando a produção e o lucro das empresas. Isso ficando expresso na fala de Oliveira:

O fato dos filhos das operárias estarem sendo atendidos em creches, escolas maternas e jardins de infância, montadas pelas fábricas, passou a ser reconhecido por alguns empresários como vantajoso, pois mais satisfeitas, as mães operárias produziam melhor. (OLIVEIRA, 1992, p. 18).

A princípio, as creches tiveram seu direcionamento voltado totalmente às famílias de baixa renda, não tendo nenhuma responsabilidade educativa, atuando apenas como uma espécie de “depósito” para crianças durante as horas de trabalho dos seus pais. Nessa perspectiva as creches foram idealizadas para os pobres, sendo esse o motivo de sua deficiência e seu caráter assistencialista, como destaca o referencial:

(...) o uso de creches e de programas pré-escolares como estratégia para combater a pobreza e resolver problemas ligados à sobrevivência das crianças, foi durante muitos anos, justificativa para a existência de atendimentos de baixo custo, com aplicações orçamentárias insuficiente; escassez de recursos materiais; precariedade de instalações; formação insuficiente de seus profissionais e alta proporção de crianças por adulto (BRASIL, 1998 I: p. 17).

Assim, esse nível de escolarização, mantida pelo poder público, adquiriu um caráter compensatório visando sanar dificuldades sociais das crianças pequenas e das

famílias menos abastadas. O RCNEI (1998 I: p.17) sobre isso diz que, “*a tônica do trabalho institucional foi pautada por uma visão que estigmatizava a população de baixa renda*”.

Com o passar do tempo, percebeu-se que o modelo empregado a princípio nas creches não seria mais o adequado, devendo ser repensado, deixando de atender os princípios de uma educação assistencialista, passando a exercer uma concepção de educação para a formação da criança. O RCNEI fala sobre a necessidade de:

(...) rever concepções sobre a infância, as relações entre classes sociais, às responsabilidades da sociedade e o papel do estado diante das crianças pequenas. Embora haja um consenso sobre a necessidade de que a educação para as crianças pequenas deva promover a integração entre os aspectos físicos, emocionais, afetivos, cognitivos e sociais da criança, considerando que esta é um ser (BRASIL, 1998 I: p18).

Desta forma, o termo cuidar que sempre esteve atrelado às práticas das creches, passa a ser atrelado ao termo educar. Esse direito à educação concebida às crianças de até seis anos de idade foi uma conquista iniciada ainda com a Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988, p. 123) que em seu artigo 208 diz que a educação é um “*dever do estado*”, portanto, cabe a ele a obrigatoriedade de implementar políticas educacionais que façam cumprir tal determinação.

Em 1990 é criado o Estatuto da Criança e do Adolescente - (ECA), implementando um conjunto de obrigações e deveres que a sociedade e o estado passaria a ter com as crianças e adolescentes, prevendo o dever do estado em garantir educação para essas fases da vida e assegurar condições mínimas ao bem-estar e à sobrevivência. Posteriormente surge a Lei de Diretrizes e Base da Educação (LDB 1996).

Com a criação da LDB, a organização do ensino no Brasil ficou dividida em dois níveis, a educação básica e de nível superior. Sendo a educação básica composta por três etapas: educação infantil, ensino fundamental e ensino médio. A educação infantil devendo ser a primeira etapa a ser cumprida, como aponta artigos 29 e 30 da LDB, devendo ser ofertada para crianças de 0 a 3 anos em creches e para as de 4 a 6 em pré-escolas a princípio, sendo estabelecida uma nova faixa etária com a emenda nº 53/2006, ficando determinadas que a pré-escola atenda crianças de 4 a 5 anos.

2.1 Habilitação para atuar na educação infantil

O artigo 62 da LDB de 1996 discorre sobre a formação profissional para a atuação na educação básica, apontando ser preciso ter nível superior cursado em universidade, institutos superiores ou equivalentes. Prevendo a possibilidade de formação mínima para atuar no magistério em educação infantil, como também nas séries iniciais do ensino fundamental, a pessoa com nível médio na modalidade Normal.

A LDB traz como única exigência, que o profissional que vir a atuar na área de ensino, tanto na educação básica quanto em nível superior, seja habilitado, não determinando o gênero desse profissional em nenhum momento. Concursos públicos, para seleção de professores, em seus editais passaram a não especificar ou fazer menção ao gênero dos candidatos às vagas, passando a priorizar profissionais com adequada formação a função, deixando em aberto à atuação de homens na educação infantil.

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI- 2010):

As creches e pré-escolas se constituem, portanto, em estabelecimentos educacionais públicos ou privados que educam e cuidam de crianças de zero a cinco anos de idade por meio de profissionais com a formação específica legalmente determinada, a habilitação para o magistério superior ou médio, refutando assim funções de caráter meramente assistencialista, embora mantenha a obrigação de assistir às necessidades básicas de todas as crianças (BRASIL, 2010, p. 84).

Como descrito acima, creches e pré-escolas deixam de ter uma função apenas para o amparo, deixando de lado seu caráter restritamente assistencialista, e passam a incorporar novas práticas, se caracterizando em ambiente de ensino e aprendizado, devendo os profissionais atuantes nesse nível de educação ter formação mínima exigida e suas práticas voltadas para esse novo momento. Os cuidados com o corpo e com o bem-estar permanecem, mas agora atrelados a princípios pedagógicos, que contribuem e favorecem o desenvolvimento pleno da criança.

3. O PROFESSOR DO SEXO MASCULINO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Por muito tempo os valores voltados para o educar foram atrelados a figura do masculino, sendo ao longo dos tempos construídas novas concepções de educação atribuindo princípios femininos. Evidencia-se que, tanto no começo, ao qual os homens seriam os detentores de um saber mais específico e apto a ensinar, quanto agora, com a presença dominante de mulheres nas etapas de ensino, principalmente na educação infantil, o intuito sempre foi o de atender preceitos sociais e os interesses dos homens em uma sociedade culturalmente machista, que prega a inferioridade da mulher.

O fato é que hoje, a educação infantil adquiriu um perfil totalmente feminino, culminando em uma desigualdade de gênero na profissão docente, estigmatizando preconceitos a respeito da presença masculina em espaços de educação, sobretudo em creches e pré-escolas. No entendimento construído socialmente, só as mulheres seriam capazes de cuidar de crianças pequenas, visto que possuem uma essência materna e uma característica maternal inata, tornando-as mais aptas a função, por nessa fase da vida demandar-se cuidados corporais. Sobre isso Sayão destaca:

São evidentes os preconceitos e estigmas originários de ideias que veem a profissão como eminentemente feminina porque lida diretamente com os cuidados corporais de meninas e meninos. (...) os cuidados com o corpo foram atribuídos às mulheres, a proximidade entre um homem com o corpo de meninas ou meninos de pouca idade provoca conflitos, dúvidas e questionamentos, estigmas e preconceitos (SAYÃO, 2005, p. 16).

Para Finco (2003 p. 56), “*não é só por que há mulheres que a profissão é feminina*”. A profissão ao qual a autora se refere é a docente, para ela, além de historicamente o cuidar e educar de crianças pequenas estar atrelado a figura da mulher, existe uma trajetória educativa desde a infância que condiciona o sexo feminino a desenvolver habilidades voltadas para os cuidados com o lar e as coisas vinculadas a esse ambiente. E mais uma vez o machismo sociocultural, de que a mulher é inferior ao homem, devendo desenvolver atividades ditas condizentes com o gênero feminino. Uma evidência disso segundo a autora é que:

Historicamente, as bonecas são brinquedos oferecidos principalmente, as meninas, e ainda persiste a valorização distinta do feminino e do masculino, por que as meninas é que são consideradas a atribuir sentimentos às bonecas e às pessoas (FINCO 2003, p. 56)

Para Kramer (2001, p. 97), ao longo da história passou-se a ter o entendimento de que para exercer a função docente não seriam necessários muitos conhecimentos teóricos. O autor destaca que, “*considera-se que o trabalho do profissional de educação infantil necessita de pouca qualificação e tem menor valor*”, devendo o profissional atuante nesse nível de escolarização ter habilidades mais voltadas para a prática cotidiana, isso sendo o maior motivo da desvalorização desse profissional ocorrendo a atribuição dessa função às mulheres. O autor ressalta que:

As atividades do magistério infantil estão associadas ao papel sexual reprodutivo, desempenhado tradicionalmente pelas mulheres, caracterizando situações que reproduzem o cotidiano, o trabalho doméstico de cuidados e socialização infantil. (KRAMER, 2001, p. 97)

Durante o estágio, ficou nítido a pouca relação que se tem, ainda hoje, entre o ambiente de educação infantil e a presença de homens, ainda que, como estagiário de um curso de formação educacional voltado para os anos iniciais da escolarização. As equipes gestoras de creches e pré-escolas, na maioria composta apenas por mulheres, veem com estranheza e cautela a presença masculina, sempre direcionando os estagiários homens aos espaços de gestão ou a trabalhar com turmas de idade mais elevada, evitando sempre a presença desses nos momentos de cuidados com o corpo e de higiene.

Após a conclusão da formação, os profissionais homens, que desejam atuar nos anos iniciais da educação, encontram demasiada dificuldade em ser empregados, e quando encontram uma oportunidade, seja por meio de um concurso público ou por méritos de sua qualificação, em alguma instituição privada, devem provar quão bons profissionais são. Lidando com o preconceito de pais, reações adversas a sua presença, por parte da equipe gestora da unidade de ensino e toda gama de críticas por estarem em um ambiente entendido como feminino.

Sayão (2005, p. 16), enfatiza a necessidade de se ter profissionais do gênero masculino nos ambientes escolares, justificando que, “*quanto maior o envolvimento de homens na educação infantil, aumentara a opção de carreira para eles contribuindo para que se desfizesse a imagem que esta etapa da educação e um trabalho apenas para a mulher*”. De acordo com essa fala a presença masculina nesses espaços de educação infantil poderia favorecer uma possível elevação da valorização dos

profissionais atuantes, contribuindo ainda em uma elevação nos “salários e o status da carreira”.

3.1 Reflexões sobre a atuação masculina na educação infantil

O INEP – (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas), em 2010 divulgou um dado que reforçou o quanto a presença feminina é superior à masculina na educação infantil, de um total de 336.186 professores que atuam nessa primeira fase do ensino, apenas 11.430 seria do sexo masculino. O censo escolar da educação básica de 2016, que faz um apanhado geral de todos os aspectos da educação básica brasileira todos os anos, apresentou dados mais atualizados, apontando que o número total de professores seria de 575 mil professores da educação infantil, sendo apenas 3,7% homens. Esse dado nos leva a refletir os porquês desse percentual tão baixo, despertando assim o interesse em ir mais a fundo nos possíveis motivos por trás dessa baixa atuação de homens na educação de primeira infância.

O curioso é que, a presença do homem em alguns espaços já é tão enrijecida, isso quando pensa-se em masculinidade hegemônica, que ele exercer função como chefe de família, como político, pedreiro ou um grande executivo de uma empresa, cargos ditos esses condizentes com o gênero masculino, que acabam por reforçar as construções sociais de gênero, demonstrando quão difícil é romper com as mesmas. Perante tais noções de masculinidade a atuação do homem em certos espaços é condenada, acarretando situações de pré-julgamento, exemplo disso, o professor que atua na educação infantil que venha a participar do momento de higiene pessoal das crianças é visto sempre com desconfiança advinda do senso comum de que não importa a função que exerça, os homens possuem um desejo sexual incontrolável e constante.

Cruz (1998), sobre isso aponta que, tais construções sociais de masculinidade acabam por gerar a segregação do homem, condenando-o e o repelindo do ambiente de educação infantil, isso ocorre principalmente pelos cuidados com a higiene pessoal, que nessa faixa dos zero a cinco anos é responsabilidade do (a) professor (a).

Quando fala-se em gênero, é importante destacar que cada indivíduo possui uma identidade própria, identidade essa, construída ao longo dos anos a partir das relações com o meio em que vive, podendo sofrer modificações em determinados aspectos, Louro (1997) ressalta que devemos “entender o gênero como constituinte da identidade dos sujeitos”, da mesma forma como a nacionalidade, a etnia ou a classe. Tanto homens

quanto mulheres tem seus comportamentos condicionados aos preceitos sociais de cada época, que determinam e atribuem os papéis do feminino e do masculino na perspectiva de gênero, isso quer dizer que a sociedade define o gênero a partir do sexo, mas que o gênero não define as relações dos sujeitos com o meio ao qual está inserido nem tão pouco sua identidade apoiando-se apenas a isso. Segundo Louro:

Ao afirmar que o gênero institui a identidade do sujeito pretende-se referir, portanto, a algo que transcende o mero desempenho de papéis, a ideia é perceber o gênero fazendo parte do sujeito, constituindo-o. O sujeito é brasileiro, negro, homem etc. nessa perspectiva admite que as diferentes instituições e práticas sociais são constituídas pelos gêneros e são, também, constituintes dos gêneros. (LOURO, 1997, p. 25)

Entende-se que no Brasil a educação infantil adquiriu uma presença majoritária de mulheres, devido à prática de cuidados está atrelada essa figura na nossa sociedade, isso podendo ser visto como um dilema, já que, quando se falando de relações sociais e gênero, a sociedade é composta por ambos os sexos. A educação sendo pensada, isso de forma concreta, por homens e mulheres e até mesmo pelo fato de socialmente não termos funções pré-estabelecidas que isolem esses dois sujeitos, evidenciam a necessidade de uma desconstrução de padrões e atitudes que reforcem a segregação de homens dos ambientes escolares.

Algo bastante interessante, que já é totalmente aceito, pela sociedade, é a importância da figura paterna durante a infância e as contribuições dela no desenvolvimento das crianças. Sabe-se que muitas famílias brasileiras não têm a presença do pai, podendo ser esse um dos motivos pelo qual se deve estimular a participação de profissionais homens na educação infantil. Percebe-se, que de maneira positiva esses profissionais tendem a suprir a necessidade da figura paterna estreitando as relações de afeto e carinho com crianças, tendo como benefício disso uma colaboração significativa no emocional das crianças com ausência da figura paterna em casa. Artigo do Blog a Leiturinha destaca que:

A ausência do pai pode gerar insegurança ou até agressividade para a criança. Na escola, por exemplo, isso pode se refletir através da dificuldade de concentração e baixo rendimento escolar. No entanto, isso não é uma regra ou algo que não possa ser restaurado. A ausência do pai não necessariamente representa a ausência da representação da figura paterna, ou do masculino. Segundo a psicoterapeuta infantil e adolescente Monica Pessanha, “essa função pode ser feita por qualquer pessoa e irá permear o caminho da criança até a fase adulta”. (BLOG A LEITURINHA, 2019).

Independente do gênero, homens e mulheres tem a capacidade de cuidar e educar no cotidiano escolar. É evidente que haverá distinção nas formas como cada profissional vai interagir com as crianças nesse ambiente, mas isso não vai dizer respeito propriamente ao seu gênero, masculino ou feminino, e sim as relações internas desse profissional com as técnicas e modelos de ensino.

4. METODOLÓGIA

O estudo aqui apresentado, trata-se de uma pesquisa qualitativa, isso é, busca-se focar no contexto e nas singularidades do objeto de pesquisa, rompendo com possíveis objetividades que poderiam ser vistas como barreira entre pesquisador e objeto da pesquisa. Para Holanda (2006), a abordagem qualitativa pode incorporar questões de significação e interpretação, assim como a intencionalidade na construção das relações e estruturas sociais, ou seja, nessa abordagem visa-se conhecer os motivos, as pretensões, os preceitos, as convicções, os sentimentos e os comportamentos, preocupando-se assim com elementos que não poderiam ser quantificados, correspondendo as relações mais profundas de fenômenos que não podem ser reduzidos a mera operacionalidade e a variáveis. Holanda (2006), ainda destaca que, essa abordagem se diferencia por ser voltada para os denominados “*fenômenos humanos*”, por se atentar aos conhecimentos empíricos.

A pesquisa se dividiu em duas etapas, a primeira com aplicação de questionários *online* para o corpo discente, isso é, para os alunos do curso de Pedagogia da UFT/Arraias, mais especificamente para os alunos do 5º ao 9º período do curso. Com pergunta de ordem objetiva e subjetiva, o questionário sendo composto por 16 perguntas, que procurou conhecer o perfil desses alunos, assim como suas opiniões a respeito da presença masculina no curso de Pedagogia e a atuação desses profissionais, ao término do curso em ambientes de ensino infantil.

Foram elaboradas questões como: gênero ao qual se identifica; idade; motivo pelo qual está cursando Pedagogia; teria pretensão de atuar nos anos iniciais da educação básica; se acredita haver algum preconceito em relação à atuação de homens na educação infantil; quem tem mais aptidão para o cuidar e educar crianças pequenas.

A segunda etapa da pesquisa teve como foco o corpo docente do curso de Pedagogia da UFT/Arraias, professores e coordenação, tendo como objetivo um diálogo aberto, a partir de entrevista semiestruturada, visando maior espontaneidade nas respostas dos entrevistados e identificar com maior precisão elementos de caráter social que poderiam surgir durante as respostas.

Os questionamentos da entrevista seguiram a partir dos seguintes elementos: os motivos pela escolha da profissão; se seria possível identificar uma divisão por gênero na atuação acadêmica de nível superior; possíveis motivos para o percentual tão baixo de professores do gênero masculino no curso; se o curso de pedagogia da UFT tinha ou tem

algum projeto para estimular a atuação docente de homens, na educação infantil, tendo em vista o número de alunos do gênero masculino no curso.

4.1 Técnicas utilizadas para a pesquisa

As técnicas utilizadas para a obtenção de informações no decorrer desse processo de investigação foi à aplicação de questionários e entrevistas, com o propósito de conhecer a opinião, as crenças, as pretensões, os temores e sentimentos, dos participantes aqui consultados.

O questionário se apresenta como uma técnica de investigação de fácil aplicação, que não demanda muito tempo, dando certa facilidade e comodidade para as pessoas que o responderam. As perguntas são formuladas, visando conhecer de forma objetiva seus participantes e suas opiniões sobre o tema ao qual o questionário se refere. Segundo Marconi e Lakatos (2010, p. 184), o questionário pode ser elaborado com perguntas abertas, semiabertas, fechadas e de múltipla escolha, tendo como objetivo principal recolher informações do seu alvo de estudo.

A entrevista se apresenta como uma técnica de obtenção de dados mais pessoal, diferente do questionário que não requer a presença do pesquisador, a entrevista necessita desse contato, o que favorece e possibilita a esse instrumento um estreitamento e certa proximidade no diálogo com a pessoa entrevistada, possibilitando maior interação tornando as respostas mais pessoais. Para Marconi e Lakatos (2010, p. 180), podemos organizar a entrevista de duas formas básicas; estruturada, com perguntas bem definidas sem a possibilidade que a entrevista ganhe novos rumos que não seja o pré-estabelecido, e semiestruturada, possibilitando maior liberdade do entrevistador e do entrevistado, tornando a entrevista em quase uma conversa informal.

4.2 Sujeitos da pesquisa

O questionário foi encaminhado por meio de *link* de divulgação, por *e-mail* e aplicativo de mensagens instantâneas para celulares, para os alunos do curso de graduação em licenciatura em Pedagogia da UFT, câmpus de Arraias, durante o segundo semestre do ano de 2019. Sendo direcionado a princípio aos alunos do 5º período em diante. A entrevista teve como alvo os professores do curso de Pedagogia,

também sendo realizada no segundo semestre de 2019, sendo previamente agendada com os professores.

4.3 Construção das informações

O motivo pela escolha de se dirigir a pesquisa aos alunos e professores do curso de Pedagogia da UFT, se deu pela dificuldade em encontrar professores homens atuando na educação básica no município de Arraias e região. Em contrapartida, o número de alunos homens matriculados no curso chega a torno de 20%, fazendo surgir o interesse em saber a opinião desses alunos e de seus professores a respeito.

Outro ponto que deve ser destacado, é que a princípio a pesquisa seria dirigida também a possíveis professores do gênero masculino que estão atuando em espaços de ensino, mas pelo curto prazo, não se pode fazer uma busca por esses possíveis profissionais, pela região, fazendo-se a opção por concentrasse nos dois objetos de pesquisa descrito acima.

A proposta em ouvir o corpo docente do curso, veio como sugestão de orientação, sendo justificada pela pouca presença de professores do gênero masculino até mesmo em curso de graduação e formação de professores. Levantando assim questionamentos se a atuação masculina em nível superior também seria alvo de algum resquício do entendimento social que o papel de ensinar deve ser da mulher, mesmo nesse nível de ensino.

Após definido os sujeitos da pesquisa, foi elaborado o questionário que seria disponibilizado aos alunos e o roteiro de entrevista que seria seguido para com os professores. No questionário havia um pequeno texto descritivo, que de forma sucinta apresentava a pesquisa e os seus objetivos com a realização desse estudo. Durante a realização das entrevistas, em um primeiro momento, também foi explicado o motivo da escolha da temática, assim como os objetivos e conclusões que possivelmente poderiam ser alcançados com a pesquisa.

4.4 Análise das informações

As tabulações das respostas dos questionários e das entrevistas passaram por análise, tendo o objetivo de entender como se dão os processos de formação e de inserção de professores homens nos ambientes de educação. Os dados recolhidos foram

contrapostos a pesquisas já realizadas, sobre a temática de inserção de homens na educação e a divisão do trabalho por gênero, visando à sustentação teórica, tanto dos procedimentos aqui utilizados como dos resultados da pesquisa.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

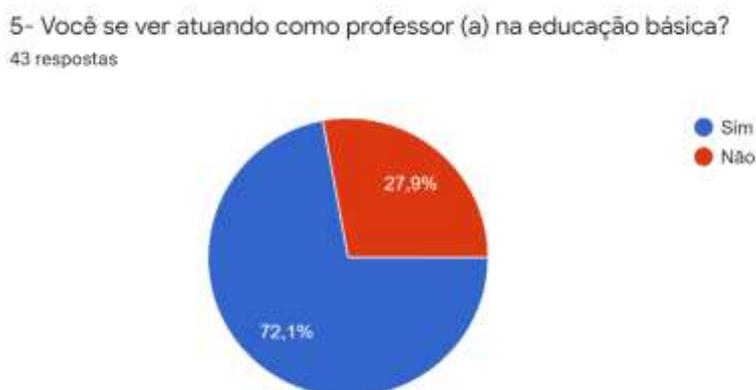
No intuito de conhecer os alunos do curso de Pedagogia e ao mesmo tempo traçar um perfil desses futuros profissionais da educação e suas pretensões de atuação, as quatro primeiras perguntas do questionário aplicado tinham como propósito fazer um apanhado geral de informações. Quando perguntado a idade de quem respondia ao questionário, das 41 respostas alcançadas, 51,2% teriam idade entre 21 a 25 anos; 22% idade entre 17 a 20 anos; 19,6% entre 26 a 35 anos e 7,2% idade superior a 35 anos.

Referente ao gênero dos participantes da pesquisa, de 43 respostas, 74,4% desse total se identificavam com o gênero feminino e 25,6% com o gênero masculino, isso é, das 43 pessoas que se propuseram a responder ao questionário, 32 eram mulheres e 11 eram homens. A maioria, 23,8%, já haviam concluído o curso de Pedagogia e os demais cursando períodos entre o 5º e 9º, aparecendo alguns alunos de outros cursos, assim como de períodos inferiores ao 6º do curso de Pedagogia.

De um total de 43 questionários respondidos, 51,1% dos alunos diziam estar cursado uma graduação por acreditar ser importante ter nível superior para se conseguir um bom emprego; outros 27,9%, estariam cursando Pedagogia por escolha, pois teriam a pretensão de atuar na área de educação básica e 21% responderam estar cursando Pedagogia por falta de opção.

Da 5ª a 7ª pergunta do questionário, o propósito era saber se os alunos do curso de Pedagogia se sentiam preparados e se teriam a intenção de atuar na educação básica, mais precisamente na educação infantil.

Figura 1:



(CASTRO, 2019)

O gráfico acima (figura1), demonstra que, 27,9% dos alunos que responderam não se veem atuando na educação básica, isso quer dizer que, quase 1/3 dos alunos em um curso de formação de professores, com habilitação para atuar na educação básica, não tem interesse nessa área, reforçando que muitos alunos cursam Pedagogia na UFT/Arraias por não terem a oportunidade de estarem cursando outros cursos, ou por simplesmente acharem importante ter um diploma de nível superior.

Outro percentual interessante é o de alunos que acreditam que a UFT não prepara seus alunos para o mercado de trabalho. De 42 respostas, 30% delas foram categóricas ao assinalar “não” quando feita essa pergunta, isso de acordo com o gráfico abaixo (figura 2). Das 12 pessoas referentes aos 30%, 6 delas se identificavam como do gênero masculino, demonstrando que, respeitando a proporção de homens e mulheres que responderam aos questionários, eles se sentem menos preparados que elas para atuarem em sala de aula.

Figura 2:



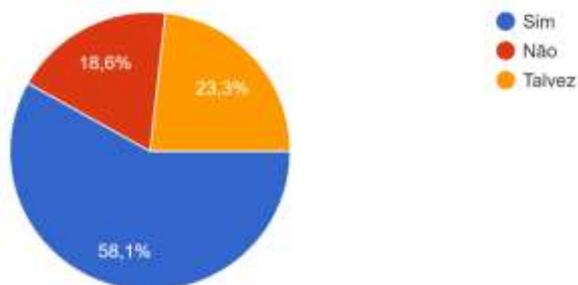
(CASTRO, 2019)

Sobre o interesse de atuar na educação infantil, o gráfico a seguir (Figura 3), aponta que, 41,9%, somando-se os que disseram “não” e os que “talvez” teriam, demonstram que quase a metade dos (as) alunos (as) que responderam à pesquisa tem inseguranças sobre sua atuação nessa primeira etapa da educação. Revelando ainda que, das 18 respostas que constituíram esse percentual, 7 seriam homens.

Figura 3:

7- Tem interesse de atuar nos anos iniciais da educação básica, creche e pré-escola?

43 respostas



(CASTRO, 2019)

Os gráficos a seguir procuraram se atentar a atuação dos alunos(a) durante o período de estágio e suas opiniões sobre a presença masculina, em creches e pré-escolas, enquanto professores.

Figura 4:

8- Durante os períodos de estágio se sentiu limitado a realizar alguma atividade com as crianças por ser do gênero ao qual você se identifica?

40 respostas



(CASTRO, 2019)

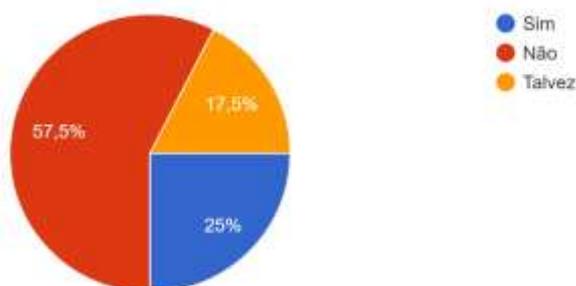
O gráfico da figura 4, aponta que 70% das pessoas que responderam aos questionários diziam “não” ter passado por nenhuma situação que limitasse sua atuação durante os períodos de estágio, enquanto 17,5%, disseram “sim”, ou seja, afirmam ter sofrido alguma limitação e outros 7,5% que “talvez”. Somando os que responderam sim e talvez, 10 alunos(as), durante o período de estágio, de alguma forma passaram por alguma situação em que sua atuação foi limitada pelo seu gênero e desse total 7 eram

homens. Nas palavras de Louro (1999, p. 106), “[...] a vigilância é constantemente exercida, podendo ser renovada e transformada, mas ninguém escapa dela”. Louro (1999, p. 110) aponta que, desde o século XVIII, os coordenadores e as gestões escolares puseram-se “num estado de alerta perpétuo” quanto a sexualidade dos indivíduos que atuam nas instituições escolares. Passando assim, a fazer com que homens e mulheres se adequem aos padrões impostos pela sociedade. Redobrando, sobre aqueles e aquelas que serão os formadores e formadoras das crianças nas escolas, a atenção e a vigilância a suas atuações.

Na mesma linha da pergunta do gráfico anterior, a pergunta 9, referente ao gráfico da figura 5, procurou identificar possíveis atitudes negativas à presença de estagiários (as) nas instituições de ensino, mas dessa vez não sugerindo que o gênero desse estagiário (a) pudesse ser o responsável por essa possível atitude. Das 40 respostas que a pergunta obteve, 23 delas, representando 57,5%, disseram “não” ter vivenciado nenhuma atitude negativa; 7 respostas, somando 25%, disseram que “sim”, houve atitudes controversas a sua presença e outras 3, 17,5%, que “talvez” tenham vivenciado atitudes nesse sentido. Algo que vale ressaltar e que todos os homens que responderam o questionário assinalaram as alternativas “sim” e “talvez”, respondendo à pergunta número 9, sinalizando que profissionais homens tendem a sofrer maior vigilância e preconceito, quando desenvolvendo atividades com crianças.

Figura 5:

9- Houve alguma atitude negativa, por parte da coordenação da escola, dos professores ou até mesmo dos pais de alunos, a sua presença na instituição de ensino?
40 respostas

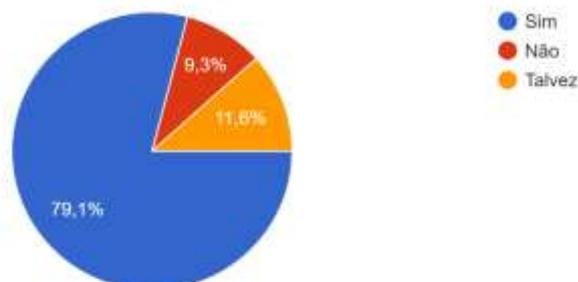


(CASTRO, 2019)

Figura 6:

10- Você acredita haver algum preconceito a atuação de homens na educação infantil, mas precisamente nos anos iniciais, creche e pre-escola?

43 respostas

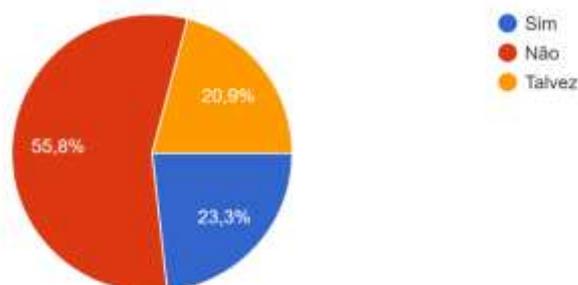


(CASTRO, 2019)

Figura 7:

11- Teria algum problema em um homem ser professor do seu filho (a), sendo, responsável por cuidar da higiene, asseio e alimentação dele (a)?

43 respostas



(CASTRO, 2019)

Os gráficos das figuras 6 e 7, apresentam o resultado das perguntas sobre a atuação de profissionais do gênero masculino em espaços de educação infantil, procurando conhecer a opinião dos participantes da pesquisa e seus posicionamentos a respeito de situações que geralmente são retratadas nesse ambiente de educação, quando pensa-se em homens presentes nesse espaço. Quando questionados se haveria preconceito em relação aos homens atuando em creches e pré-escolas, das 43 respostas obtidas, 34 confirmavam que “sim”, existe preconceito; 5 que “talvez” exista; e 4 responderam “não” existir.

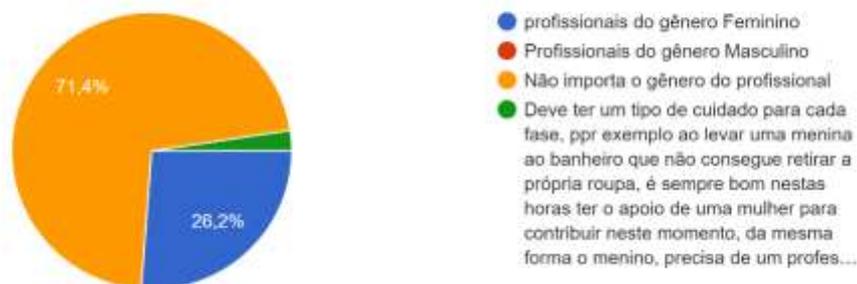
Quando questionados se seria um problema um homem ser responsável pela higiene e cuidados de seus filhos, quase metade, 43,2%, apontaram que isso poderia ser um problema, quando somados aos que foram categóricos em dizer “sim” e os que optaram pelo “talvez”. Isso, em grande parte, deve-se ao fato que culturalmente o papel de cuidar e educar ter sido atrelados às mulheres na nossa sociedade, romper com esses estereótipos se torna algo bastante difícil mesmo quando nos dirigimos às pessoas em processo de formação de nível superior. Cruz (1998, p. 244), aponta que se encontra um medo relacionado à concepção da sexualidade masculina como algo incontrolável, isso tendo reflexo direto a sua atuação tanto na educação infantil quanto no âmbito familiar. Muitos dos entrevistados relataram exemplos dessa construção entorno da figura masculina – alguns explícitos, outros velados –, relatos de receio à pedofilia que acaba a segregar esses profissionais dos ambientes de ensino.

34,9% dos alunos (as), responderam que acreditam que existem profissões que seriam exclusivas a um ou outro gênero, nos fazendo questionar se a profissão docente voltada para os anos iniciais seria uma dessas profissões nos seus entendimentos. A pergunta 13, representada no gráfico a seguir (figura 8), questiona-se quais profissionais seriam os mais capazes de trabalhar com crianças pequenas, isso de acordo com os participantes da pesquisa. Das três alternativas que a pergunta apresentava, 30 alunos (as) sinalizaram que não importaria o gênero do profissional e sim suas qualificações para exercer tais funções; 12 respostas apontaram que profissionais do gênero feminino teria maior aptidão a desenvolver os cuidados e a tarefa de educar crianças, ficando um dos participantes sem responder. Nenhum participante da pergunta assinalou que profissionais homens poderiam ser mais capacitados a cuidar e educar crianças.

Rabelo (2013), relata que seriam inúmeros os motivos que acarretam o preconceito, gerando distanciamento da figura masculina de espaços de educação infantil. A autora destaca, em seus estudos que professores do gênero masculino que optaram por atuar em creches e pré-escolas, sofrem demasiado preconceito da sociedade e do corpo administrativo das instituições de ensino, preconceito esse elevado quando a opção sexual desses sujeitos. Nas palavras da autora, “*muitos professores, mesmo sendo heterossexuais, eram considerados como homossexuais, pois no imaginário social para se atuar como educadores infantis seria necessário paciência e carinho, atributos esses femininos. Isso sendo um dos motivos para, “[...] pensamento em abandonar a profissão”*”.

Figura 8:

13- Na sua opinião, quem tem mais aptidão para atuar no cuidar e educar de crianças pequenas?
42 respostas

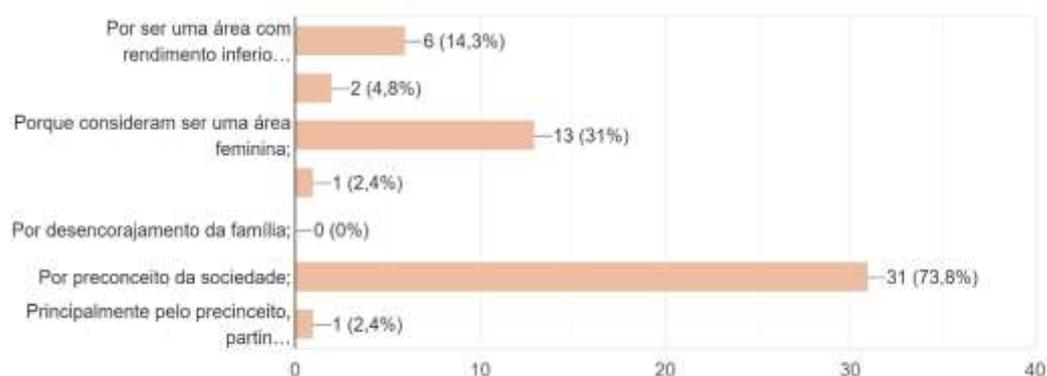


(CASTRO, 2019)

A pergunta 15 (figura 9), deveria ser respondida, marcando uma ou mais opções, sobre os possíveis motivos da pouca presença de homens como professores na educação infantil. Como representado no gráfico, um percentual bastante expressivo, considera que o maior motivo por essa realidade seja pelo preconceito da sociedade com homens atuando nessa função.

Figura 9:

15- Na sua opinião, por que existem poucos homens atuando como professores na educação infantil?
42 respostas



(CASTRO, 2019)

Considerando os maiores percentuais representados no gráfico acima, e evidente que a nossa sociedade ainda se baseia em concepções meramente pautadas no senso comum, não levando em consideração as peculiaridades e a diversidade de ideias, atitudes e personalidades inerentes a cada ser humano. Procurando a todo momento condicionar homens e mulheres em padrões que colocam esses dois sujeitos em lados opostos, com qualidades, funções e comportamentos distintos, caracterizando assim as representações de gênero que a sociedade empoe a esses dois indivíduos. Sobre isso Alencar destaca:

quebrar esse estigma cultural de gênero na atuação docente nas séries iniciais é desconsiderar os padrões impostos pela sociedade e vencer o preconceito. Desafios nesse âmbito são concretos e formam algumas das grandes barreiras que permeiam a atuação do professor homem nas séries iniciais em qualquer esfera social (ALENCAR, 2016).

As representações sociais quanto ao papel da mulher e do homem na sociedade têm sido repensadas, visto que mulheres executam papéis antes atribuídos aos homens, exercendo os mais diversos tipos de trabalho, e também porque, por outro lado, homens atualmente fazem tarefas antes consideradas femininas, como as tarefas domésticas, incluindo cuidar das crianças, Ramos aponta que:

Ainda que articuladas às mudanças sociais, as relações entre homens e mulheres são pautadas por valores e concepções culturais que se vinculam aos papéis sociais historicamente atribuídos ao masculino e ao feminino. É importante destacar que esses papéis se alteraram significativamente nos últimos tempos. (RAMOS, 2011, p. 101).

É fato que romper com normas construídos ao longo de anos não é algo que aconteça da noite para o dia, a pesquisa aqui apresentada nos demonstra essa realidade, pois mesmo nos dirigindo a uma parcela de sociedade que tem a oportunidade de aprimorar seus conhecimentos por meio de uma graduação é evidente que os padrões sociais atribuídos ao masculino e ao feminino, ainda não foram desfeitos. Isso pode ser reflexo de uma formação pouco eficiente como também pode demonstrar quão enrijecidas as premissas de gênero estão.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao ingressar na universidade tende a ser um mundo de novas descobertas, novos questionamentos e cheio de encantos e desencantos, surgem discussões sobre os mais variados assuntos, alguns desconhecidos outros nem tanto, mas que passam por ressignificação. Pois, tais discussões são apresentadas a partir de óticas tão distintas que se contrapõem e diferenciam-se, isso acontece porque o ambiente universitário é composto por uma diversidade de pessoas com realidades distintas, experiências próprias e posicionamentos múltiplos, dessa forma somos passa-se a rever conceitos levantando novos questionamentos e fazendo reflexões desse momento à diante.

De maneira geral, o ingresso na universidade tende a ser um período de transição em que a aquisição de novos saberes, a partir dos debates, proporcionam um olhar reflexivo sobre verdades concebidas que antecedem esse momento, possibilitando a assimilação de novas experiências reforçando o contínuo processo de construção de conhecimento.

É normal ao ingressarmos na universidade passar por um momento de conflito interno, pois como descrito acima, essa ampla diversidade de ideias, de ponto de vistas distintos sobre variados assuntos, assim como posicionamentos e perspectivas que diferem das suas, geram, em um primeiro momento, estranheza e fazem questionar valores e crenças. Após esse momento, ao longo de um curso de graduação vive-se e sofre-se transformações, no qual interessa-se por variados temas e na etapa final escolhe-se e debruça-se sobre um, aprofundando-se sobre ele para assim escrever o trabalho de conclusão de curso (TCC).

A temática aqui abordada advém da reflexão e do amadurecimento de ideias. Como descrito acima, passa-se por transformações durante a graduação possibilitando um olhar mais cauteloso e atento sobre situações vividas no dia-a-dia, em um curso de Pedagogia o melhor momento para colocar esse novo olhar em prática é o estágio nas instituições de educação básica. Durante o período de estágio e a participação no Programa Institucional de Bolsa a Iniciação a Docência – (Pibid), ficou evidente que ainda nos dias de hoje existe uma forte resistência e preconceito a presença masculina nos ambientes de ensino, que é proporcionalmente elevada quando nos dirigimos a educação infantil.

Possivelmente, resistência a homens atuando como professores em creches e pré-escolas, seja ainda o reflexo das atribuições de gênero, que socialmente foram

empregadas a mulheres e homens. Romper com essas velhas construções se torna essencialmente difícil, mas necessárias, pois não se deve sustentar-se atitudes que condicionem a atuação docente a partir da prerrogativa de gênero. Tendo em vista que durante esse estudo não foi encontrado nenhuma evidência que justifique esse posicionamento.

A atuação docente voltada para a educação básica por si só, já não é respeitada e valorizada como deveria ser. Essa atuação se torna bem mais difícil quando somadas a críticas advindas do senso comum, que tentam sobrepor sobre os profissionais do gênero masculino, uma gama de especulações e preconceitos que visão condicionar todos os homens com uma mesma essência. Empregando sobre eles sempre um olhar de desconfiança, pois todo homem seria um abusador em potencial, sem dons para os cuidados á que a crianças necessitam e desprovidos de sentimentos, desconsiderando as particularidades inerentes a cada indivíduo.

É fato que ao longo da história o ambiente escolar sofreu um processo de feminilização, o tornando quase que exclusivamente dominado por mulheres. Sobre isso, é normal que hoje se tenha tantas mulheres atuando como professoras de educação infantil, tornando quase que como natural que homens tenham se distanciado desse ramo de atuação. O que não é natural é que profissionais homens que optam pela educação infantil tenham que se provar de diversas formas, sofrendo discriminação, tendo sua moral posta em prova só por serem homens. Reitero, que um dos fatores pela grande superioridade de profissionais mulheres a de homens na educação infantil tenha sido gerada por atitudes machistas, que desconsideravam os cuidados e a educação das crianças como algo a que se deveria ter um vasto conhecimento, direcionando essas funções a elas. Mas é preciso evoluir e considerar que o melhor profissional não é aquele que está predestinado a assumir funções por predeterminações sociais e sim, o que escolher desenvolver tais funções a partir das suas construções sociais visando sua satisfação profissional e a melhoria de seu ramo de atuação.

A estrutura escolar sendo uma concretização conjunta, pensada e construída entre os gêneros, apoiando-se as competências do homem e a afetividade e sutileza das mulheres, reforça ainda mais que o espaço escolar deve ser um ambiente igualitário de união dos gêneros fazendo proveito de suas distinções e evitando ao máximo concretizar padrões. Essa pesquisa teve o objetivo de entender como está se dando os processos de formação dos futuros profissionais de educação, buscando compreender de forma geral suas pretensões e perspectivas de atuação, como também, se ainda no meio acadêmico

pode ser observado resquícios de construções sociais que visam favorecer um ou outro sujeito sem uma construção embasada em fatos.

Sobre a importância em se ter profissionais do gênero masculino presentes na educação infantil, entende-se que as singularidades inerentes a esses professores homens devem ser consideradas nos processos educativos. Podendo contribuir nas construções de masculinidade e feminilidade, impondo benefícios ao emocional das crianças pela proximidade com um sujeito que represente a figura paterna, favorecendo uma relação harmoniosa em um ambiente que é composto pela diversidade e não deve segregar indivíduos.

A sociedade atual é abertamente machista e ao longo dos tempos definiu de forma geral áreas de atuação para o feminino e masculino, como também caracterizou outros aspectos do cotidiano social a partir da perspectiva de gênero, colocando sempre a mulher como um ser a margem dos homens. É responsabilidade das gerações atuais e futuras acabar com quaisquer que sejam as tentativas de perpetuação desses comportamentos, visando a construção de uma sociedade livre de qualquer segregação por gênero, sem nenhum tipo de desigualdade aos sexos, com condições iguais de trabalho, direitos e deveres.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, João Paulo Almeida de et al. **O professor homem na educação infantil**: refletindo sobre gênero. Revista Includere, v. 2, n. 1, 2016.

BRASIL. Secretaria de Educação Infantil. **Referencial Curricular Para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEI. 1998 VOL. I E III.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro gráfico 1988. 292 P.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil** / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010.

CRUZ, E. F. “**Quem leva o nenê e a bolsa?**”: o masculino na creche. In: ARILHA, M.; RIDENTI, S. G. U.; MEDRADO, B. (Org.). Homens e masculinidades: outras palavras. 34. ed. São Paulo: ECOS, 1998. p. 235-255.

FINCO, Daniela. **Relações de Gênero nas Brincadeiras de Meninos e Meninas na Educação Infantil**. Revista quadrimestral da faculdade de educação: Universidade de Campinas, Campinas, v. 14 n. 3 (42), p. 101-109, set./dez. 2003.

GONÇALVES, Josiane Peres; DE CARVALHO, Viviane de Souza Correia. **Estudo das Representações Sociais de Professores Homens de Mato Grosso do Sul Sobre o Trabalho Realizado com Crianças**. Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero, v. 7, n. 2, 2016.

HOLANDA, Adriano. **Questões sobre a pesquisa qualitativa e pesquisa fenomenológica**. Análise Psicológica, n.3 (XXIV). 2006. p. 363-372.

KRAMER, Sônia. **A Política do Pré-escolar no Brasil**: a arte do disfarce. 3.^a ed. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1987.

KRAMER, Sonia. Formação de Professores de Educação Infantil: questões e tensões. In: _____. (Coord.). **Relatório de Pesquisa Formação de Profissionais da Educação Infantil no Estado do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Ravil, 2001 160 p. (Relatório de Pesquisa CNPq/FAPERJ). p. 89-104.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica** / Marina de Andrade Marconi, eva Maria Lakatos. 7. Ed. - São Paulo: Atlas, 2010.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 3^a ed. – Petrópolis-RJ: Vozes, 1997.

RABELO, A. O. **Professores discriminados**: um estudo sobre os docentes do sexo masculino nas séries do ensino fundamental. São Paulo. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 39, n. 4, p. 907-925, out./dez. 2003.

RAMOS, J. **Um estudo sobre os professores homens da educação infantil e as relações de gênero na Rede Municipal de Belo Horizonte – MG**. 2011. 139 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Minas Gerais, 2011. Disponível em: Acesso em: 15 out. 2019.

SAYÃO, Thomé Débora. **Relações de Gênero e Trabalho Docente na Educação Infantil**: Um estudo de professores em creches. Tese de (Doutorado) universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Florianópolis, 2005.

LEITURINHA, Blog. **A importância da figura paterna para o desenvolvimento infantil**. <<https://leiturinha.com.br/blog/a-importancia-do-pai/>>. Acesso em 15 de outubro de 2019.